

VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL EM CURSO EM ALMEIDA – OS SERVIÇOS EDUCATIVOS EM PROL DO PATRIMÓNIO

Paula Sousa

Técnica Superior da Câmara Municipal de Almeida



1. PROJECTOS PARA A VALORIZAÇÃO DA PRAÇA-FORTE.

Considerando que a Praça de Guerra não é redutível à cintura abaluartada, ainda que seja este o elemento que a caracteriza e a destaca, posicionando-se igualmente como um sistema regulável, que articula componentes de natureza diversa – sempre de carácter militar, mas com uma função que não é estritamente defensiva – ao qual a vida civil fica subordinada.

Retendo que, o corrupio diário de visitantes, de olhares perdidos, a calcorrear as ruas do sítio, traduziu-se num particular empenho em idealizar e explorar mecanismos no sentido da valorização do centro histórico e da praça-forte, caso contrário, a sua monumentalidade significaria apenas pela metáfora e não pelas especificidades que a caracterizam.

Sabendo que o património, em si mesmo, só nos transmite conhecimentos truncados, que necessitam, por isso, de ser didatizados, e para que o compreendamos de forma completa é preciso dotá-lo de ferramentas, torná-lo dialogante, garantindo que a sua mensagem chegue a um maior número de pessoas.

Pretendemos mostrar a praça-forte de uma forma tão entendível para o *expert* que procura saber algo mais, como para o emigrante que quer ligar-se ao passado, às recordações, às emoções, como para os autóctones que desejam valorizar-se graças aos contributos dos forasteiros que chegam.

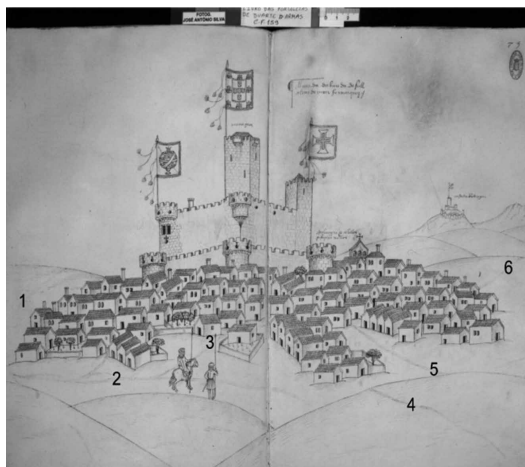
1.1 O tempo na cidade histórica



Para entendermos a cidade histórica e consequentemente transmiti-la temos que considerar 2 variáveis: “o sítio e a sua história” e “o sítio e o seu usufruto”.

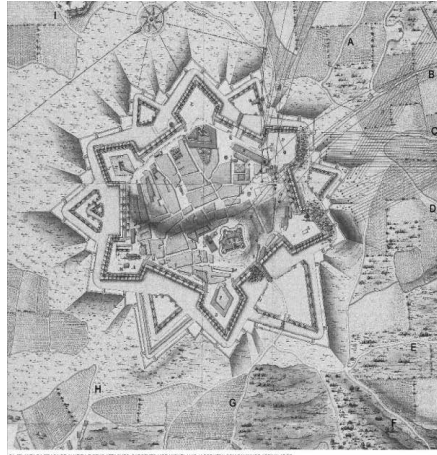
Relativamente à primeira premissa, e no seguimento de um adequado entendimento de toda esta amálgama que envolveu a conformação do sítio, procuramos as origens do povoado, cujas principais fontes de informação utilizadas foram as crónicas seiscentistas e setecentistas que acabaram por revelar demasiado indiretas e, nalguns momentos, até contraditórias. Daí que por ora nos interesse apenas considerar que a 8 de Novembro de 1296, D. Dinis procedeu à confirmação dos foros e costumes de Almeida e que, em Setembro de 1297, foi assinado o tratado de Alcanices, que delimitou quase definitivamente a totalidade da fronteira, integrando a região de Ribacôa em território português. Tal como não conseguimos destrinçar a autoria da fundação de Almeida, também se não lograram obter dados suficientemente firmes acerca da configuração do castelo antes da reformulação manuelina.

A matriz cadastral, que se mantém no essencial, mostrou-nos (apesar das várias alterações surgidas ao longo dos tempos) um núcleo urbano de configuração ovalada e um conjunto de linhas orientadoras subordinadas a dois elementos principais: o Castelo e Igreja Matriz, à volta dos quais



se distribui a malha urbana, marcada por um eixo delimitador, que, por sua vez, nos parece querer sugerir a presença de uma muralha anterior.

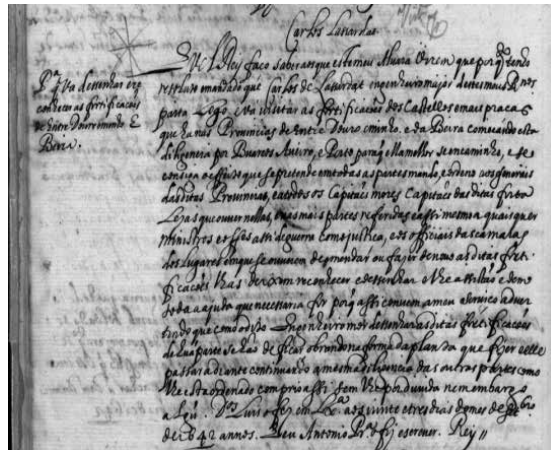
Já no quadro quinhentista, destacou-se a renovação manuelina do Castelo, iniciada em 1508 por Francisco Danzillo, acusando já laivos, ainda que tímidos, de novas soluções técnicas no domínio da arquitetura militar, evidentes, aliás, no único elemento que nos permitiu conhecê-lo com um certo grau de pormenorização: os desenhos levantados por Duarte de Armas, em 1509. Através da sua observação, e apesar de se terem revelado falíveis do ponto de vista das orientações cardeais, tomámos como base a implantação do Castelo e, a partir daí conseguimos obter informações que nos surpreenderam relativamente às já realizadas.



01 PLANO DA PRAÇA DE ALFONSO E SEUS ATUADOS, IMBENEFICIAÇÃO DE LUIS ACOSTA COM OS MURINHOS

De acordo com a iconografia, pudemos observar vários elementos significativos sobre a configuração e a imagem da vila: uma malha urbana, mais ou menos densa, distribuída em função de dois elementos visualmente dominantes (Castelo/Matriz), o esboço de quarteirões já inexistentes (quarteirões adjacentes à Rua do Trem), outros que ainda se mantêm, e ainda alguns dos espaços livres que, à data, se começavam a formar e que se mantêm atualmente: Praça de S. João, Largo de Santa Bárbara.

O período quinhentista apresenta ainda outras modificações e sucessivos preenchimentos, dados já obtidos na leitura de outras fontes documentais e que nos apontaram para uma progressiva estruturação do Largo da Câmara, para a construção do convento, em meados do século XVI, e para o posterior delineamento do Terreiro das Freiras.



A construção da fortificação a partir de 1640, no quadro das Guerras da Restauração, veio introduzir alterações significativas à Vila que então se transformava em Praça de Guerra. A nova muralha começou por selar um perímetro urbano, opressão essa bastante mais intensa do que o inicialmente previsto, dada a redução de sete para seis baluartes a que foi sujeito no ano de 1645. Este constrangimento urbano não viria a diminuir, a não ser em meados já do século XX, verificando-se mesmo uma justaposição dos quarteirões às cortinas da muralha ao longo de toda a sua vigência militar. Por outro lado, perante a necessidade imediata de aquartelamentos dos inúmeros soldados, a praça ia-se tornando pequena, o que aumentava o grau de conflituosidade entre os militares e os civis, vendo-se estes muitas das vezes privados dos seus pertences ou rendimentos em benefício do funcionamento daquela gigantesca máquina.

A carência de equipamentos militares só nos finais do século XVI viria a ser reequacionada, com a construção de outros, para além dos já existentes. À data, a Vedoria era o único edifício construído de raiz, contabilizando-se ainda o Hospital Militar, que se instalara na primitiva Casa da Câmara até à sua nova construção, em 1706.

Estava, assim, em marcha o lento processo da conformação da praça de guerra e de adaptações, por vezes forçadas, às preexistências, até ao primeiro abrandamento em 1695, data da primeira explosão do Castelo, no malogrado mês de Agosto, que viria a ocupar, até às primeiras décadas do século XVIII, engenheiros, militares e população.

Em 1735, surge um novo alento na reorganização e modernização dos trabalhos da praça, estimulado pela presença do Engenheiro-mor, Manuel de Azevedo Fortes, o qual viria a dirigir pessoalmente as obras da Praça durante alguns meses, propondo um conjunto de alterações no sentido de aumentar a sua eficácia. A maior parte dessas não chegaria a ser concretizada. Obra de sua chancela parece ter sido o quartel de Infantaria do Terreiro do Poço do Rancho, embora em local diferente do inicialmente previsto em planta.

Antes ainda da Guerra Fantástica, há a registar na vila um surto considerável de construções ou adaptações dos vários edifícios às diferentes necessidades militares, como foi o caso do levantamento de quartéis de cavalaria, a transferência do Trem de Artilharia para o Baluarte de Nossa Sr.^a das Brotas e consequente adaptação das antigas instalações, o Assento de Pão de Munição. Apesar da aceleração de construções e da afluência de um número cada vez maior de engenheiros à praça, o cerco saldou-se pela capitulação de Almeida e pelas numerosas destruições provocadas pelos ataques.

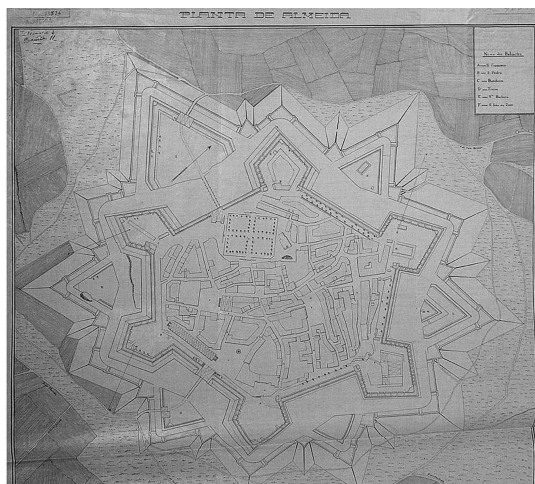
Após o desaire, Maclean, o então governador no comando, mandou que se procedesse a um levantamento exaustivo dos prejuízos e das reparações que era necessário efetuar, registando-se, até ao ano de 1810, um grande número de iconografia e relatórios com elevado grau de minúcia, que nos vão dando conta dos andamentos e abrandamentos a que a praça vai sendo sujeita.

Das plantas que analisámos, as mais significativas e que tomámos como base de trabalho foram a “Planta da Praça de Almeida e seus Ataques” de Miguel Luís Jacob (1764), a “Planta Iconographia de Almeida”, de António Bernardo da Costa (de finais do século XVIII), às quais juntámos os cadernos de “plantas, alçados e espacatos” de Miguel Luís Jacob e de Anastácio de Sousa e Miranda.

Para uma observação completa do seguimento da malha urbana e das configurações contrapusemos, justapusemos, e interpretámos e, depois deste “trabalho que designamos de sapa”, extraímos algumas conclusões que reputamos interessantes do ponto de vista da História e da Arquitetura Militar. Por exemplo, ao sobrepor-se a planta de 1764 à atual, fica-se estupefacto com o grau de minúcia e de precisão com que a muralha coincidia em ambas, o que nos prova o rigor com que, na época, sem os recursos atuais, se procedia ao desenho e à análise. A seguir, procedemos à marcação dos principais equipamentos militares assinalados por Miguel L. Jacob e por Bernardo da Costa na planta atual e, após uma confrontação, verificámos que, num espaço apenas de 40 anos, os do segundo quase duplicaram, sendo a maioria deles projetados e desenhados por Miguel Luís Jacob e Anastácio de Sousa e Miranda. Os equipamentos a que aludiam os projetos referiam-se especificamente a ampliações ou modificações: o Quartel do Regimento de Penamacor resultava de uma construção anexada à antiga Vedoria e esta última dava lugar à Casa dos Governadores; construíram-se novos quartéis de Cavalaria; adaptou-se o extinto Convento do Loreto a Quartel de Infantaria e Hospital e ampliou-se o Quartel de Santa Bárbara. Como projeto de raiz apenas se regista a construção das latrinas.

Ainda do século XVIII, mas de diferente autoria, data a construção do edifício mais importante da Praça de Guerra: o Corpo da Guarda Principal, atribuído a Anastácio de Sousa e Miranda, que se implantou na antiga Praça do Pelourinho.

Apesar do intenso volume de obras executadas na praça, os relatórios de dificuldades sucessivas de execução e de debilidade financeira repetiam-se, mas nada faria prever o que veio a suceder em 1810. Cercada pelos Franceses e de pois de lançadas as primeiras bombas do exército inimigo, Almeida ex-



T1: "ALMEIDA" TENENTE ENGENHEIRO ALEXANDRE JOÃO BOTELHO DE VASCONCELOS E SA (1851)
 FONTE: DIGEGEAM 7217-1-2

plodia. Erro humano ou uma bomba certa no paiol do castelo fazia com que grande parte da praça se transformasse em ruínas. Muitas estruturas ficaram irremediavelmente perdidas (o castelo, a igreja matriz...) e outras, apesar de parcialmente destruídas, só mais tarde viriam a ser consertadas, mas já nunca com aquele fôlego construtivo que pairou na praça de 1764 até ao cerco de 1810.

Este foi o início da morte da praça, que, ao fim de poucas horas de bombardeamentos, se revelou ineficaz, e, por isso, a Comissão de 1824, apontando-lhe numerosos defeitos, alvitrou a sua desclassificação.

Em virtude das convulsões internas que marcariam o advento da Monarquia Constitucional, no ano de 1853, a atenção das chefiias ainda se voltava de novo para Almeida e, desta vez, o veredicto da comissão acerca da sua viabilidade resultaria na apreciação de ser esta "Praça uma das mais fortes do Reino, e talvez a mais forte dellas", mas que, apesar disso, não foi o bastante para a sua continuidade enquanto Praça, consumando-se a sua desclassificação no virar do século.

Ou seja desde 1641 e até 1888 (data em que a fortaleza recuperaria a categoria de 1º classe embora por breve tempo), o frenesim do imenso estaleiro de obras de melhoramentos, de ensaios de soluções, de escola, de reconversões e atualizações foi quase ininterrupto. Com o virar do século, um novo olhar centra-se na velha praça outrora de guerra, agora com uma nova função, a de Monumento Nacional, de valor igualmente defensivo, em prol da História e da defesa do seu impar património.

Depois de termos atravessado a história do sítio e de termos analisado, ainda que brevemente, algumas das modificações a que foi sendo sujeito, os novos caminhos do património fizeram recair sobre ele um novo olhar e uma nova missão: a de Monumento.

2 - O CEAMA e o MHMA, dois parceiros para um entendimento do património militar:

Depois de termos já abordado uma fase de beneficiações e recuperações da designada fase “patrimonialista”¹, num contexto dos vários melhoramentos para o usufruto da muralha abaluartada e conseqüentemente do património militar de Almeida, faltou-nos ainda mencionar dois espaços, talvez os únicos que, pelas características e localização, não-de conseguir manipular o “sentido” dos percursos de visita à Praça-Forte: referimo-nos concretamente à **recuperação das casamatas**, com respetiva área técnica, e a instalação do CEAMA nas Portas Exteriores de Santo António. As intervenções ocorridas em ambos fazem já do século atual um período especialmente fértil na recuperação e adaptação de espaços da Fortaleza de Almeida para novas vivências, com resultados obtidos no imediato.

O conjunto construído vulgarmente chamado de “Casamatas”, mas também grafado na iconografia setecentista e oitocentista enquanto “*subterrâneos*”², como exemplifica a riscada pelo Capitão Alpoim ou, vinte e seis anos mais tarde, a de João Alexandre De Chermont, como “*quarteis subterrâneos*”, situado no interior do terraplano do Baluarte de São João de Deus, compõe-se de vinte salas, todas em abóbadas de berço, com áreas úteis que variam de 18 a 120 m².

Para a parte que nos interessa convém referir que todas as intervenções executadas no baluarte foram refletidas e cirúrgicas de modo a não desvirtuar o passado, possibilitando simultaneamente ao espaço uma boa adequação à

1 Designação do autor José Manuel Fernandes (2009; 116-118).

2 Para um melhor esclarecimento acerca da evolução do desenho do Baluarte de S. João de Deus poderá consultar-se o conjunto de plantas de 1736 a 1836 constantes neste trabalho e sob tutela da DIE/ GEAEM.

sua nova missão e programa (museológico), mas também ao permitir ao público a sua fruição, sem apagar de forma irreversível, as marcas do tempo ocorrido³.

Lembramos que antes de todas estas intervenções, *grosso modo* oito anos antes, a realidade espacial que podíamos observar era fria e distante. Nada dignificava aquele espaço senão a sua monumentalidade⁴.

Quanto ao CEAMA, instalado na Casa da Guarda nas Portas Exteriores de Santo António, revelou-se uma empreitada de fôlego de âmbito patrimonial, constituindo a reabilitação espacial o primeiro passo para a sua dinamização, permitindo um caminho para a exploração vivificada do Património. Realça-se desde logo a integração de indicadores de carácter museográfico, nomeadamente a reconstituição de um rastrilho no trânsito da porta, bem como no apontamento do sistema construtivo das abóbadas ou a reutilização de um piso superior no aquartelamento da guarda.

Após devolvidas as condições necessárias ao seu novo uso, abre portas em Abril de 2007 com o objetivo de oferecer um espaço devidamente qualificado por forma a atrair um conjunto diversificado de investigadores e estudantes para o desenvolvimento de actividades em torno de temáticas relativas à interpretação, salvaguarda e monitorização do monumento.

3 As obras de restauro das casamatas geraram em Almeida e por entre os Almeidenses o mais amplo movimento de manifestação popular de que há memória, em prole da autenticidade. Nesse seguimento a 14 de Junho de 2006, no Salão Nobre do Município houve um fórum de esclarecimento, aberto à população subordinado ao tema “Sobre o sistema construtivo das coberturas das “casamatas” do baluarte de S. João de Deus, na Praça-Forte de Almeida” – contribuição para um debate” cujo objetivo foi a discussão sobre o enterramento indevido ou não das casamatas e qual a solução mais adequada para desenvolver ao usufruto público o edifício. Teve como principais intervenientes, o Coronel Sousa Lobo, o arquiteto João Campos, e um engenheiro da Delegação Regional de Castelo Branco do IPPAR, contando igualmente com a presença do seu Diretor bem como do engenheiro responsável pela empreitada que estava a decorrer.

4 Em jeito de reflexão transcrevemos um breve trecho de artigo de opinião que muito nos indignou sobre a instalação do Museu-Histórico Militar, em que o autor afirma que “essa atmosfera carregada e a memória, intensa na algidez dos espaços húmidos e tenebrosos, foi desvirtuada, vulgarizada, afinal para ali se instalar um museu multi-época, com unidades museológicas descontextualizadas em si, um museu que poderia ter sido instalado noutros locais, sem beliscar o património arquitetónico e histórico da Praça-forte (...)” (Brito: 2009, 13). Afinal o que é que constitui o património, o objeto físico e tridimensional ou antes todos os que o ergueram? De que nos serve termos um monumento ainda que o melhor da sua classe, oco ou mudo? Quem saberá interpretá-lo? O património é de e para todos, poder usufruir dele é um privilégio, cuidar dele é uma obrigação!

“Debaixo de fogo” desde os inícios da sua reabilitação pelos mais diversos defensores da não (re)utilização dos espaços patrimoniais constituiu-se hoje, e acima de tudo, um poderoso indutor de novas dinâmicas do património e do sítio, despertando sensibilidades nos públicos que visitam para além de proporcionar “diferentes olhares” sobre a vila e a sua história, contribuindo igualmente para a compreensão de uma das principais e mais bem conservadas fortalezas nacionais. De que maneira o faz é assunto que nos vais ocupar adiante.

Assim:

Decorrido um caminho de quase quatro séculos no percurso orgânico da Praça-forte de Almeida, podemos constatar o conjunto de modificações por que ela tem vindo a passar, fruto das alterações advindas das adaptações, primeiro às exigências militares e depois à sua consolidação enquanto conjunto monumental. Todas as modificações registadas na Praça-forte, quer em prol de uma função, em benefício de uma ideologia, ou de determinados preceitos doutrinários foram-lhe moldando as feições. Há que explorar no entanto o que a notabiliza e diferencia, captando a aura do sítio.

No âmbito da divulgação do produto proposto, baseado numa apresentação adequada para que os turistas não só compreendam aquilo que veem retendo a importância daquilo que observam, considera-se que apesar de estar já criada a base na produção de folhetos e colocação de sinalética⁵, este processo que não está encerrado carece de alguns ajustes e melhoramento, porque as técnicas de difusão da mensagem são cada vez mais elaboradas e o público mais exigente, tal como é cada vez mais apurado e consistente o

5 Considera-se que a sinalética de identificação deve ter uma função informativa, mas também emotiva de “dar vida e alma ao passado” (Henrique: 2003; 255), e neste caso, a sinalética colocada criada no âmbito das AHP não cumpre o objetivo. A forma ilustrativa materializada na planta da fortaleza é fria e esquemática, faltando-lhe a imagem, a fotografia, capaz de reter melhor a atenção do espectador, e o conteúdo demasiado extenso. No que concerne ao folheto para o percurso urbano definido para Almeida consideramos um circuito em termos turísticos, um itinerário com saída e chegada ao mesmo ponto, estabelecido sobre as infraestruturas viárias existentes, capaz de ser percorrido num curto espaço de tempo (sempre inferior a um dia) e tendo subjacente um conteúdo temático. Constatamos que, no caso, à exceção da última premissa, as outras foram cumpridas, careceu no entanto de alguns aspetos quanto a nós muito importantes para a captação da aura do sítio. Desde logo porque o circuito traçado para o conjunto a visitar é linear do ponto de vista emocional e, do ponto de vista físico, distante e confuso, não se estabelecendo uma relação entre o material e o intangível, descurando-se a causa das formas, e a explicação das designações.

conhecimento que se detém da Praça-Forte, fruto de constantes estudos que os vários autores têm vindo a desenvolver.

2.1 - Do tangível a uma necessária interpretação

Feita uma análise formal do complexo defensivo de Almeida, consideramos, como já se referiu, que a sua relevância fulcral poderá extravasar a sua monumentalidade. De facto, o visitante fica impressionado com o seu engenho construtivo, mas dificilmente conseguirá, sozinho, descodificar as suas mensagens, daí que seja necessária uma mediação que o ajude a conferir um sentido a tudo aquilo: “há que encontrar para cada caso, a melhor forma de mediação entre públicos e patrimónios” (Rotés e Cervantes: 2005, 412).

No caso concreto da Praça-forte de Almeida, a missão dos espaços e equipamentos reequacionados e readaptados, beneficiarão o entendimento do conjunto, fazendo extravasar o carácter informativo do seu percurso histórico militar na procura da genialidade do processo construtivo, através da materialização do conceito de entretenimento e educação, fazendo uso de experiências ativas, incitando a descoberta e a interpretação.

Falar de interpretação de espaços ou de sítios resulta, neste caso, numa espécie de “museu-aberto” no qual os objetos e os discursos expositivos se apresentam no seu contexto social e na sua envolvente original, em convivência com os habitantes do dito território, sendo todos eles protagonistas dele mesmo. É inserido neste contexto interpretativo e no seu território de influência que o objeto ganha significado e dimensão, ou seja, a leitura do objeto só será possível quando inserido no seu contexto e formando contextos através da relação de uns com os outros, transmitindo-nos o património na sua pluralidade.

Tal facto será possível e alcançável se a ligação entre essa nova forma de vi(r)ver o património⁶ e a didática encontrarem neste domínio uma relação atuante, capaz de responder aos novos desafios, transformando estas paisagens culturais em algo dialogante e com(vida)tivo, onde as mensagens culturais transmitidas pelos objetos possam ser descodificadas por todos, focalizando-as para o domínio da contemporaneidade, e não somente para produtos culturais do passado.

⁶ Expressão adaptada do tema escolhido para a celebração das “Jornadas Europeias do Património” celebradas em 2009 nos dias 25, 26 e 27 de Setembro.

Anos passados após as primeiras tentativas de aproximação entre a Praça-forte de Almeida e o visitante e entendendo-a como um sítio/contentor de todas as potencialidades, face à indispensabilidade de uma adequada interpretação esperamos contribuir com algumas achegas, em resultado da confluência de várias interpretações de caminhos já percorridos, da interpretação de inúmeras fontes iconográficas mas, mais importante do que isso, baseada numa vivência muito próxima aos espaços, aos equipamentos, aos habitantes e visitantes, o que nos permite uma visão de todo este conjunto, o qual deve e merece ser comunicado de forma sólida e coerente, depois de ter já beneficiado de uma primeira abordagem ao nível das necessárias realizações físicas.

3 - NA MAGISTRAL DE S. FRANCISCO: A PRIMEIRA FASE DE UM PERCURSO REINVENTADO

A partir deste momento vai propor-se um percurso à Praça-Forte de Almeida, numa espécie de caminhada que também é de fantasia e de rememoração, pelo que se pede ao visitante/leitor que seja capaz de libertar os sentidos e que na bagagem leve essencialmente predisposição e vontade de conhecer.

Recordemos que foi já ultrapassada a antiga esplanada, ou o moderno Largo 25 de Abril, e estamos próximos do monumento. Calcorreamos então, a atual ponte de pedra até se chegar às primeiras portas chamadas de S. Francisco, aquelas por onde entra a maioria das gentes que vem visitar a terra ou os seus.

3.1 -Portas de S. Francisco Exteriores de Sto. António/ Vulgarmente designada sala de Armas

As Portas Exteriores de S. Francisco, constituem um primeiro momento de aproximação do visitante/utilizador as quais terão a difícil tarefa de despertar a memória, através de mecanismos de persuasão invocativa do passado.

A porta exterior de S. Francisco mostra-nos, depois de ultrapassado o vão de entrada (foto. 3) um interior bem lavrado, de cantarias bem aparelhadas e cuja interessante configuração e curiosos detalhes construtivos nos recordam que, mais do que um capricho construtivo, tudo é verdadeiramente o resultado das adaptações realizadas para a concretização das particularidades do programa defensivo.

Hoje este espaço funciona como espaço satélite do Museu histórico-militar de Almeida.

No interior o espaço encontra-se atualmente muito perto da sua originalidade inicial, apesar de ter sido readaptado ao seu novo uso⁷, contudo o seu especto lúgubre, cru funciona tal como se encontra, mais como repelente do que acolhedor e chamativo. Entendemos que a ambiência primitiva nos casos em que não é inspiradora, repele o utilizador, mais do que lhe fornece os elementos que ele procura conhecer.

A Casa da Guarda das Portas Exteriores de S. Francisco, denominado “Núcleo Museológico da Sala de Armas”, constituiu-se num primeiro momento sede do GRHMA, uma espécie de núcleo vivo do Museu, que tinha também uma exposição permanente ligada à indumentária militar das três armas principais da época das Guerras peninsulares, Infantaria, Artilharia e Cavalaria (Regimento de Infantaria 23; Regimento de Artilharia 4 e Regimento de Cavalaria 11).



⁷ Algumas adaptações trouxeram no entanto alguns acrescentos e, por isso, uma (re)organização espacial poderá tornar-se mais difícil.

O Grupo de Reconstituição Histórica do Município de Almeida tem os seguintes objetivos:

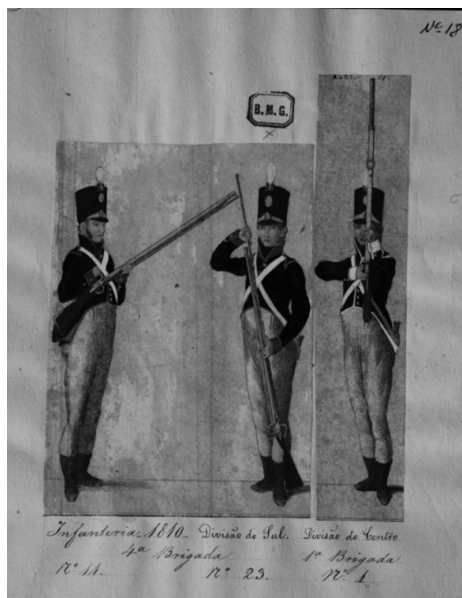
- Recriação histórica de unidades militares extintas intervenientes na história de Almeida;

- Participação em eventos de recriação histórica, promoção e divulgação do conhecimento da História de Portugal, associado ao período histórico comumente designado de Guerra Peninsular, ocorrida entre os anos de 1807 e 1814;

- Preservação e divulgação do património histórico-militar e cultural do concelho, em especial na defesa da memória histórica de Almeida e das suas gentes;

- Troca de experiências com organizações similares que possibilitem o intercâmbio de conhecimentos e a participação do GRHMA em eventos nacionais e internacionais”.

No caso, o alinhamento do programa procurou conectar o caso específico de Almeida à História Nacional, mas urge contextualizando primeiro para particularizar depois, aspeto esse que não está subjacente á dinâmica organizacional, podendo mesmo afirmar-se que o percurso expositivo de “longa duração” não articula quatro aspetos fundamentais: o tema, a estrutura, o aspeto visual e a cronologia, procurando, na coleção que exhibe⁸, a ausência de o seu fio condutor, de vida é o problema principal subjacente, a ausência de conceção museográfica urge completar-se com a resposta a questões simples:



8 A coleção presentemente é constituída maioritariamente por réplicas, miniaturas, cópias ou maquetagens, adquiridas pelo Município, mas também alguns originais [propriedade do Museu Militar e da Câmara].

- Quem foram estes homens que formaram estes regimentos
- Onde e em que quartéis “viveram”
- Quem é o GRHMA, como se formou, o que faz
- O que é a recriação Histórica, para que serve

Retemos então que do conjunto de armaria, dos 3 Regimentos, da iconografia, e textuais falta um fio condutor contextualizador, e integrador, e daí que a comunicação seja desfigurada porque foi truncada no essencial, urge humanizar os objetos, o documento o textual ou iconográfico, ou seja, os objetos (desde os manequins à armaria e acessórios individuais ou coletivos) funcionam enquanto objetos-signos mas falta algo.

Está por isso a prepara-se um novo programa museológico e museográfico que articule os Regimentos que designamos de principais. A peça que se irá destacar na exposição será o canhão de tração animal dando-se um especial destaque à peça, mormente a uma mostra de balística de diferentes alcances e bocas-de-fogo.

Para além desta peça que será ainda utilizada durante a recriação Histórica do cerco de Almeida e sempre que possível, acomodaremos ainda a cavalaria 11 de forma mais visível e em destaque.

Deixada para trás a primeira das portas, a do revelim cujo carácter de afirmação se antevê no tratamento e modelação escultórica que é a Magistral que encantará o visitante pelo trabalho escultórico das cantarias que a enformam, pelo uso da ordem toscana, pela estereotomia almofadada das pedras das colunas, e cuja leveza o distanciará do “aspeto horrído” pretendido pela tratadística. As dinâmicas e curvas formas daquela arquitetura, o serpenteado do trânsito em cotovelo conduzirá sem esforço o forasteiro à antiga Casa da Guarda, atualmente posto de turismo (cujo adaptações já foram referenciadas), ponto em que se há-de partir na “viagem” a quase quatro séculos de História.

A Magistral, por ser a principal porta de entrada, concretiza-se no **ponto focal da relação com o sítio**, funcionando no nosso circuito enquanto resposta a um conjunto de dispositivos funcionais, mas também



de “materialização alegórica” (Conceição: 2001) sendo por elas que acederemos ao antigo palco de operações e guerras, corporalizadas hoje num conjunto de cenários que nos remeterão para um interessante jogo rememorativo.



Sendo este o ponto mais favorável à confluência e divergência dos públicos é de salientar que o tratamento didático e interpretativo do nosso conjunto monumental na Magistral deve obedecer a uma metodologia rigorosa e descodificadora, aqui na Magistral, tendo em conta que um passo em falso na primeira abordagem ao sítio pode agoirar todo o esforço em alavancar e proporcionar uma boa e proveitosa visita.

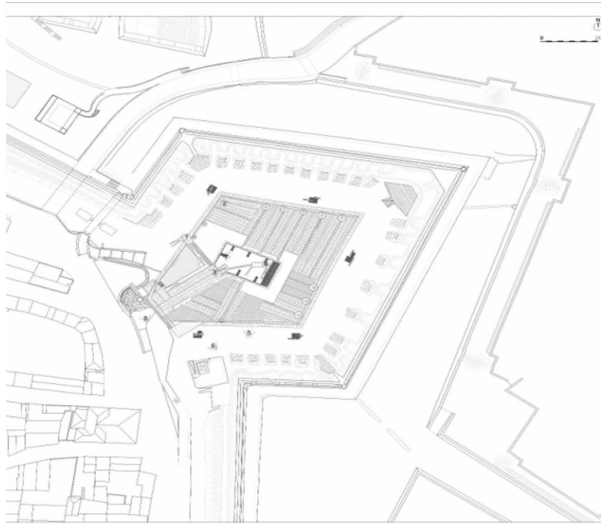
Assim sendo, propõe-se que o Posto de Turismo seja o primeiro momento de contacto direto/ativo com o monumento e, se atualmente se procura o posto de turismo para levar um folheto, recolher informações sobre o lugar, os restaurantes, os serviços, consideramos que a sua função deve extravasar esse cardápio indicativo, podendo ser dotado de suportes informativos que agradem e elucidem a todo o tipo de público.

3.2 - O Baluarte de S. João de Deus, de subterrâneos a Museu-Histórico Militar ou Centro de Interpretação⁹:

O edifício – condicionante e vicissitudes

A edificação propriamente dita está implantada a uma cota bem inferior (739,1 metros) à do nível da entrada de armas, apresentando uma fachada

9 Ramón Sala Fernandez Aramburu e Rafael Sospedra Roca (2005; 303-306), no seu artigo *Museografia Didáctica, Audiovisual, Multimédia y Virtual* levantam a seguinte questão “qué define actualmente un museo o un centro de interpretación? Que sea un lugar con un ubicación física, con unas determinadas dimensiones, con unos servicios más o menos desarrollados, con personal e infraestructuras? O que favorezca la interpretación de los objetos que quiere presentar, que tenga los medios que la tecnología nos ofrece para incrementar la comprensión de todo aquello que está expuesto para un amplio espectro de publico visitante?”. De facto, para nós, o que os distingue verdadeiramente é a coleção: o museu dispõe de uma coleção (de originais) que o centro de interpretação não tem; mas ambos devem ser ativos e interpretativos.



85- ALMEIDA, PLANTA ACTUAL, COM INDICAÇÃO DOS PORMENORES FOTOGRAFADOS NAS CASAMATAS
 FONTE: PLANTA DA "SITUAÇÃO EXISTENTE" DA PRAÇA DE ALMEIDA (CMA)

retilínea de quatro vãos, o que nos faz antever dois pisos, dissimulando-os, à primeira vista, o que irá surpreender o visitante, depois de franqueada a porta, ao deparar-se com aquela tão extenso e invulgar programa arquitetónico. O primeiro impacto sugerido pelo comprido corredor, ao longo do qual se dispõem seis salas – três de cada lado –, culminará depois no pátio, à volta do qual se

distribuem catorze salas (entre internas e com ligação ao exterior).

A história da conformação deste edifício, ou melhor dizendo, deste conjunto construtivo é tão complexa como a da restante fortificação, cujos desígnios são também paralelos no adiamento constante de obras, seja pela habitual falta de verbas, seja nas pressas determinadas pelas incursões militares iminentes ou no declinar do papel estratégico das velhas praças e traduzidas, por isso, em projetos incompletos – o que, na maioria dos casos, resulta numa leitura truncada, com alguns pontos em branco, constituindo a iconografia antiga e o próprio monumento as principais fontes de ilação.



Creemos que, dos projetos longamente ou para sempre adiados, o do complemento do baluarte de S. João de Deus será o mais emblemático e intrigante.

Multifuncional desde a sua construção, dada a extensa área coberta e a sua boa construção, este complexo construído, se,

no passado, favoreceu vários usos, consoante as mais variadas necessidades de uma praça de guerra (aquartelamento de soldados¹⁰, hospital, sítio de refúgio¹¹, prisões¹²) atualmente é chamado a cumprir uma nova função igualmente importante: a de Museu Histórico-Militar e a de guardião de memórias.

3.3 - O Museu Histórico-Militar - programa e projeto

O museu, aberto ao público desde 30 de Agosto de 2009 é tutelado pelo Município e resulta de um trabalho conjunto entre a Câmara Municipal e a Divisão da História e Cultura Militar, mais concretamente do Museu Militar de Lisboa, ficando a dever-se a este último toda a elaboração do programa, projeto e percursos museológicos; colaboração na preparação e seleção dos conteúdos e peças; execução e locução dos filmes e pontos interativos; e feitura de réplicas e miniaturas¹³. Coube ao Município a recuperação física do ‘contentor’ e a seleção dos equipamentos e suportes. A equipa multidisciplinar que teve a seu cargo a concretização do programa museológico contou com a presença de técnicos quer do Museu Militar de Lisboa quer do Município¹⁴.

O Museu Histórico-Militar de Almeida insere-se na tipologia de “Museus Históricos”¹⁵: é um museu monográfico de temática militar, dividido por núcleos de índole cronológica, abrangendo desde as “Origens” até à “I Guerra Mundial”, debruçando-se, depois, sobre o caso específico de Almeida.

10 Relatório de 1796 acerca da necessidade da construção de um cavaleiro sobre os subterrâneos “a fim de abrigar a tropa quando descansava”, parafraseando os mesmos motivos que constam em relatório de 1790 feito pelo Conde Oeynhausen (Carvalho: 1988, 361).

11 Em “Le Journal d’Almeida par le Mc. Lean”, pode ler-se o seguinte, referente ao dia 12 de Agosto: “As Freiras deixaram o seu convento e foram para as casamatas, cerca das 4 horas (...) As casamatas estão completamente cheias de mulheres, homens doentes e extremamente feridos, (...) em 1762” (Carvalho: 1988, 197- 228).

12 Durante as Guerras Liberais, os “subterrâneos” serviram de prisões.

13 Custeadas pelo Município.

14 Entre outros, não poderia deixar de mencionar aqui o Coronel Ribeiro de Faria, antigo Diretor do MML, o Sr. Victor Martins e a Dr.^a Teresa Almeida Correia; do Município destacamos a equipa do antigo GTL, nas pessoas dos arquitectos João Marujo, Luís Trindade e Dr. Paulo Amorim, tendo-se depois juntado à equipa o arquitecto João Campos, já na fase das obras de restauro e recuperação do edifício e coberturas.

15 Classificação de Museus do ICOM – International Council on Museums actualmente adoptada (Fernández: 1993, 130).

A sua **missão**¹⁶ prende-se, no essencial, com a salvaguarda do património histórico e militar da Praça de Almeida, promovendo simultaneamente novas abordagens de natureza cultural, fomentando o interesse e a curiosidade sobre as antigas táticas de guerra, e apelando à compreensão do significado da história militar relacionada com as diferentes arquiteturas militares e a armaria. Deve igualmente ser sua incumbência a concretização de uma missão social interventiva, a fim de melhor contribuir para o desenvolvimento da comunidade onde se insere (Filipe: 1999, 155-156). Neste âmbito deve ter bem presente entre os seus objetivos: o estudo¹⁷, a preservação e a divulgação dos “bens representativos da natureza e do homem”, ampliando desta forma a essência do (seu) objeto museológico extravasando-o para manifestações imateriais, mas igualmente expressivas, da cultura deste povo, profundamente arreigada à temática militar¹⁸.

Pese embora a rigidez física que vinca o complexo arquitetónico, podendo dificultar a flexibilidade dos espaços, **a marcante compartimentação existente não é uma condicionante mas uma mais-valia**, ao facilitar a visualização clara de cronologias complexas, que são representadas em cada sala e correspondem a uma determinada época da História Militar.

Flanqueada a porta, inicia-se o percurso de visita nas várias salas que, à entrada, dispõem de sinalética prévia, através de um manequim, em fibra de vidro (foto. 26), que determina simultaneamente a sala e o período histórico que se vai visitar (foto. 22). Os guerreiros/militares estão logicamente recria-

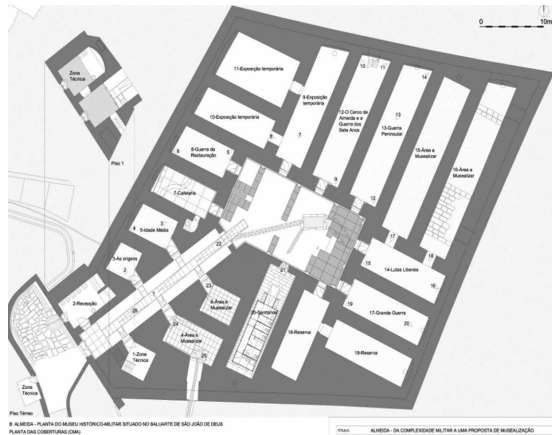
16 F. Sande Lemos afirma que os museus podem também “ser encarados como um legado, ou seja, como elementos do património cultural. Incorporam já a herança que pretendemos conservar, porque ilustram um momento da nossa História. Pela carga simbólica que adquiriram são pontos que se destacam, na cidade, ou na paisagem, são portas de entrada em universos temporais desaparecidos”, sendo, ainda, “o espaço preferencial onde se investigam e divulgam os mecanismos de descoberta do passado”. Podem ser comparados ao “atelier onde diferentes artistas pesquisam os sinais do passado e constroem narrativas, moldam personagens e histórias” (Lemos: 1999; 41- 50).

17 Seria interessante recolher relatos, histórias, contos, toponímia popular de sítios ou lugares em torno da temática militar ex. “chão dos mortos”, lendas, segredos, gastronomia e licores, alcinhos, aspetos que muito os ensinam afinal sobre quem é este povo!

18 A comunidade de Almeida está intimamente ligada à história militar, aspeto esse que leva todos os anos à realização da Recriação Histórica do episódio do Cerco à Praça, desde 2005 inserido nas “Comemorações do Cerco de Almeida”. Trata-se de uma recriação histórica organizada e custeada pelo Município, largamente participada pelas Associações Napoleónicas, portuguesa e estrangeiras, por grupos organizados de recreadores e pela população do concelho. Este património intangível, com o qual a população se identifica, encontra no caso vertente um poderoso auxiliar de enraizamento.

dos, de acordo com a época “onde se vai entrar”, funcionando como elementos apelativos que, de imediato, encaminham o visitante para o ponto desejável.

Relativamente aos conteúdos das várias salas: na das “Origens” (foto. 1), o filme constituiu-se no fio condutor do percurso expositivo, incidindo especialmente no aparecimento do



povoado, enquanto que o ponto interativo mostra curiosidades de tática de guerra; as vitrinas apresentam objetos bélicos de uso individual (romanos e lusitanos), uma vez que são destes povos as marcas mais antigas e conhecidas no território; o espaço central é ocupado por uma catapulta (foto. 2). A tipologia repete-se depois pelas 7 salas musealizadas.

Espaços públicos de acesso condicionado:

- Sala 2 “Receção e Loja”¹⁹
- Sala 3 “As origens”
- Sala 5 “Idade Média”
- Sala 8 “Guerra da Restauração”
- Sala 12 “O cerco de Almeida e a Guerra dos Sete Anos”
- Sala 13 “Guerra Peninsular”
- Sala 14 “Lutas Liberais”
- Sala 17 “ Grande Guerra”

¹⁹ Em fase de implementação. Vai instalar-se na primeira sala à esquerda e terá duas valências: a de receção e a de loja. Será o espaço onde o visitante pode obter informações sobre o museu, o seu percurso orgânico e a sua exposição. Na receção deve ser disponibilizado ao público um folheto informativo e indicativo que lhe servirá de base de visita e, para um público mais especializado, um “catálogo” com informação mais pormenorizada, quer sobre o edifício ou sobre a coleção de armaria de manuseamento individual e coletivo expostas no museu. Sobre diferentes tipos de publicações aconselháveis pode consultar-se o artigo de Antoli: 2005, 103-205.

- Salas 9, 10 e 11: espaço polivalente
 - salas de exposição temporária (9)
 - Serviços Educativos (10 e 11)
 - Bar (7)
- b) Espaços altamente reservados
- salas 18 e 19: área técnica, reservas e atelier
 - Sala 1: área administrativa:
 - gabinetes técnicos
 - sistema de CCTV e intrusão
- d) Áreas a musealizar:
- Salas: 4, 6, 15 e 16

Conclusões e propostas:

Acerca da leitura da exposição, se é certo que, no passado, os visitantes dos museus se limitavam a passear entre o material exposto e raramente procuravam algo fora do contacto visual com os objetos, é também verdade que esta, enquanto ponto de partida entre o tangível e o não tangível, entre a memória fixada no “desenho” e o acervo esquematizado e fragmentado na exposição, deve procurar um guião conceptual contínuo baseado numa articulação capaz de fomentar abordagens amplas e preenchidas, evitando pontos em branco, por forma a facilitar ao visitante uma “leitura” sequenciada do programa museológico proposto.

No caso, o alinhamento do programa procurou conectar o caso específico de Almeida à História Nacional, contextualizando primeiro para particularizar depois, aspeto esse que está subjacente a toda a dinâmica organizacional, podendo mesmo afirmar-se que o percurso expositivo de “longa duração” articula quatro aspetos fundamentais: o tema, a estrutura, o aspeto visual e a cronologia, procurando, na coleção que exhibe²⁰, na delimitação cronológica

²⁰ A coleção presentemente é constituída maioritariamente por réplicas, miniaturas, cópias ou maquetagens, adquiridas pelo Município, mas também alguns originais [propriedade do Museu Militar e da Câmara].

escolhida e no formato (misto) de comunicação que desenvolve (através de objetos bi e tridimensionais e de sistemas audiovisuais: dois por sala), o seu fio condutor.

Deste modo, os objetos (desde os manequins à armaria e acessórios individuais ou coletivos) funcionam enquanto objetos-signos e os meios audiovisuais²¹ operam enquanto contextualizadores (o ponto interativo e o filme cumprem simultaneamente uma dupla função: o primeiro, trilingue, faz a conceitualização dos vários objetos e táticas de guerra através de um interessante jogo de pergunta/resposta recorrendo a fotomontagens, e sonoplastia, em que o visitante apenas seleciona o que lhe interessa no momento, ao passo que o segundo, também com hipóteses de tradução, cumpre uma função diacrónica e de articulação entre a época histórica e o caso local, que “pretende dar a conhecer”). Os materiais bélicos de uso individual agrupam-se em vitrinas e os de uso coletivo aparecem normalmente destacados nas vitrinas ou ocupando espaços centrais contextualizados em dioramas ou pequenos cenários.

Todas as salas apresentam uma uniformidade e coerência visual clara, procurando uma adequação entre a instalação, a montagem da exposição e elementos de suporte e indicativos, de forma a produzir uma performance concreta de comunicação, determinando o perfil e a mensagem que o objeto pretende transmitir (Fernandéz e Fernandéz: 2001, 45). Por isso, todas as salas apresentam a mesma linguagem, que basicamente se concretiza no soldado/guerreiro à entrada, nos letterings curtos e concisos sobre a História de Almeida nos lintéis das portas e, num primeiro plano, a reprodução de imagens ou fotografias que se adequem ao conteúdo temático.

A própria figura de fundo de todos os audiovisuais se concretiza no mesmo elemento iconográfico: a planta da autoria do Coronel Jackes Funck.

Cremos ser comumente aceite pelos vários especialistas da Museologia que a exposição, atualmente, não pode ser concebida como algo estático, mas como um lugar de construção de significados, em que cada objeto veicula uma

21 Como sugere E. Hooper-Greenhill, “o código do museu não deve ser isolado dos códigos com os quais os visitantes estão familiarizados”. Os visitantes necessitam de se sentir “em casa” competindo aos museus assegurar serviços que apoiem os públicos no processo de informação, de interpretação e de descoberta, a partir dos temas e dos conteúdos desenvolvidos, “ao contrário das acções moralizadoras do passado, que partiam de uma conceção do público como uma massa homogénea, são proporcionadas ao público experiências que encerram alguma emoção – sem perderem, contudo, o seu carácter educativo” (Faria, Margarida Lima de, “Museus: educação ou divertimento? Uma análise da experiência museológica segundo o modelo figuracional de Norbert Elias e Eric Dunning”, pp. 43, 171 e 196).

mensagem diferente concordante com o contexto, sendo interpretado e entendido de acordo com a bagagem cultural e a própria história de cada um que o observa.

A descoberta do objeto artístico passa, pois, pela busca do encantamento, primeiro do museólogo e, depois, do público. Esse envolvimento emocional deve ser condicionada por uma atitude na sua apresentação, muito para além do discurso do plinto e da vitrina.

Consideramos, pois, neste seguimento, que o Museu Histórico Militar de Almeida poderá introduzir algumas medidas e inovações num sentido de ampliar o seu âmbito de ação e, inclusive, o seu programa museológico.

Da totalidade das salas que perfazem o edifício apenas sete estão musealizadas e, excetuando as necessárias ao bom funcionamento do museu (área técnica, administrativa e serviços), existem quatro vazias (foto. 17, 18, 23, 24, 25). Reabilitando as salas atualmente desativadas, o percurso poderia tornar-se mais abrangente.

Pensamos igualmente que seria uma mais-valia para o visitante e enriqueceria a totalidade das salas musealizadas a introdução de mais uma, onde se incluísse uma contextualização do edifício desde a conformação da Praça de Guerra até aos nossos dias, em que o guião conceptual compreenderia o edifício desde o seu período funcional até ao contemplativo. Lembramos que existe muita documentação que merece sair dos arquivos (AHM, GEAEM, DGEMN)²², ser compilada, organizada e ‘didatizada’

Por outro lado, e já esgotada uma das salas vazias, proporíamos ainda que, numa das salas fosse introduzido a temática Guerra colonial porque há bastante documentação alusiva de alçada Municipal e é um conflito bastante presente na comunidade merecendo por isso presença no fio condutor museológico.

Ainda acrescentaríamos na sala designada da mina, uma exposição/mostra sobre a importância da água na Praça-forte. A fortaleza dispõe de alguns poços, fontes comunitárias de várias épocas dentro e fora de portas, algumas que ditaram a toponímia dos espaços (Terreiro do Poço do Rancho ou Rua

22 Neste momento está disponível no site www.monumentos.pt/monumentos/forms/002_C.aspx, um conjunto de 8791 documentos entre escritos, desenhos, textuais e peças desenhadas relativamente ao período entre 1936 e 1980, contendo, portanto, todas as modificações executadas a cargo da DGEMN, documentos que, se articulados e “lidos” conjuntamente, podem resultar numa interessante exposição sobre a vida das designadas “casamatas”.

do Poço), outras que ditaram a fisionomia do próprio edificado. Desta forma julgo que esta temática ao prender-se já com a memória do sitio deveria ser mais um aspeto a ser explorado no MHMA concorrendo para o entendimento do lugar.

Na exposição vigente faríamos também pequenos ajustes pontuais: a introdução dos desenhos ou imagens nas vitrinas existentes, de forma a tornar o objeto mais didático, bem como a introdução de legendas especificamente nas bocas-de-fogo, acompanhadas de respetivas imagens ilustrativas acerca do seu funcionamento. Recordamos que os nomes atribuídos a toda aquela gama de peças e que o ritual à volta de um canhão desde uma explosão até à seguinte é tudo tão minucioso e perfeccionista que ganharia em ser explicado. Substituiríamos a planta do Coronel Jackes Funk, de 1766, “Planta da Praça d’Almeida”, enquanto figura de fundo dos audiovisuais existentes, alternando com outra cartografia antiga, favorecendo a sua divulgação e conhecimento. Por outro lado, dado o número elevado de réplicas da exposição de longa duração, faríamos algo mais do que simplesmente envidraçá-las, dando-se oportunidade ao visitante de as manusear, observá-las de perto, percebê-las, transformando-as em objetos de aprendizagem.

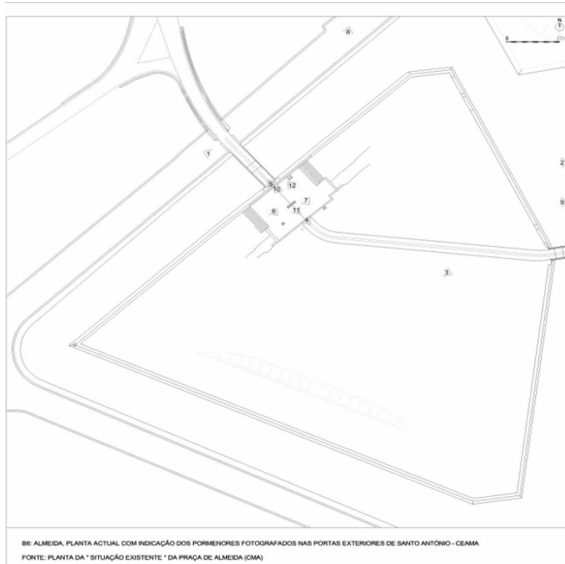
Todo o conjunto de medidas e inovações propostas constituem-se enquanto possíveis mecanismos a introduzir paulatinamente, e que se constituem apenas enquanto reforço das atuais dinâmicas do Museu-Histórico Militar de Almeida

Depois de visitado o museu, iremos agora para o CEAMA, que figurará neste nosso plano de intenções enquanto “aula da fortificação”.

3.4 - O CEAMA²³ e as suas funções

O CEAMA abriu portas em Abril de 2007, como já anteriormente se disse, na Casa da Guarda das Portas Exteriores de Santo António. Desde então, os dois espaços, dispostos de um e outro lado do trânsito, têm vindo a assumir funcionalidades diferentes mas convergentes na sua missão, ao contribuírem de forma rigorosa, instrutiva e cativante para o estudo e salvaguarda do património histórico e militar de Almeida.

23 Tendo o CEAMA sido o resultado de uma das atividades que tenho desenvolvido na autarquia, mormente no quadro da preparação desta dissertação, haverá desde logo uma subjetividade inerente à sua análise que dificilmente poderá ser evitada, mas que, por outro lado, julgo ser benéfica para um enquadramento mais aprofundado das propostas no fim apresentadas.

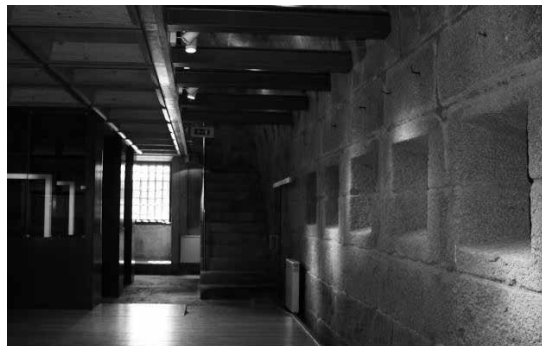


Materializando as várias ocorrências pelas duas valências espaciais, referencia-se, relativamente ao **espaço de “investigação”**, o conjunto de bibliografia colocada à disposição de qualquer interessado e a panóplia de materiais, entre desenhos técnicos, fotografias antigas e reproduções cartográficas sobre arquitetura militar em geral e a fortificação de Almeida em particular. A bem dizer, o CEAMA pretende ganhar

reconhecimento, projetando a sua atividade a vários níveis – cultural e histórico, pedagógico e académico – especializando-se no seu domínio fundamental: a arquitetura militar, que enforma o seu principal património construído.

Por outro lado, ao reunir nessa área um corpo temático já significativo (que agrega os espécimes concelhios e outros de fora dele, dos municípios limítrofes e mesmo do outro lado da raia), posiciona-se estrategicamente para atrair e oferecer campo facilitado de acção aos interessados pela área cultural em apreço. Daí que Almeida se constitua enquanto momento-síntese dessa gradação de sistemas defensivos e o CEAMA figure, nesta conjuntura, como arquivo onde se poderão obter informações específicas sobre sistemas defensivos; por outro lado, “ler” arquitetura militar rodeado de baluartes e revelins, converte esta acção numa experiência tão vivencial e crível que a torna verdadeiramente excecional e ao alcance de todos.

O outro espaço que se designa de **“polivalente”** tem funcionado, até aqui, como espaço de apresentação da fortaleza e, consequentemen-



te, do Centro Histórico e de outro sítios cujas realidades sejam semelhantes. Encontra-se equipado com sistema de som e vídeo, facto que tem permitido a realização, nos últimos dois anos, de reuniões e conferências para vários tipos de público.

3.4.1 - Repensar uma nova missão para o CEAMA

Dez anos e meio após a abertura do CEAMA, hoje, e após a abertura do Museu Histórico Militar, é oportuno tecermos algumas considerações acerca do património de Almeida e do seu usufruto.

Se, até há bem pouco tempo, o visitante apenas dispunha de um posto de turismo para obter informações sobre o monumento, com a abertura do CEAMA, o percurso alterou-se. Desta forma, o CEAMA tem figurado, até à data, enquanto espaço de apresentação da fortificação, usando para isso um conjunto de materiais e suportes comunicativos – painéis explicativos e ilustrados, maquete, projecção de um pequeno filme e de outras matérias didáticas... – para cumprir a sua missão de apresentação do sistema defensivo de Almeida, onde o visitante é convidado a “despertar os sentidos”, para depois fazer uma visita diferente pela “paisagem cultural” adjacente a toda a arquitetura militar.



Agora e a acatar ainda as outras propostas de interpretação e apresentação do património de Almeida (Posto de Turismo e Museu Histórico-Militar), outras questões se levantam: como conjugar estes três interfaces para a leitura do monumento?

Com a abertura do Museu Histórico-Militar, considerado enquanto proposta de Centro Interpretativo, os percursos de visita transformam-se. A nossa principal proposta vai ao encontro da descoberta prática do património, para que o CEAMA se eleja, de entre esta panóplia de experiências e de desco-

berta, como momento- síntese de consolidações e se constitua qual momento propulsor para posteriores visitas exteriores no contacto direto com o monumento.

Os trabalhos do CEAMA terão de passara necessariamente pelos Serviços Educativos da Fortaleza de Almeida e por assumir-se como Centro de Investigação, devendo planificar as suas novas ações para todo o tipo de público, de forma a garantir o cumprimento da sua missão de forma integral, dirigindo-se a toda uma comunidade visitante diversificada, e desenvolver e potenciar a educação de forma apropriada e multiforme.

Dado o potencial campo de ação, deverá proporcionar ocasiões para que todos os visitantes possam aprender algo de novo, e o papel do Serviço Educativo consubstanciar-se-á precisamente em assegurar a qualidade de experiências vividas, de modo a encorajar a exploração e a descoberta ao longo desse percurso (Sagües: 1999, 134-140).

Estas propostas de Serviços Educativos destinar-se-iam a complementos de visita à fortaleza e ao atual Museu, ou isoladamente, com atividades de longa duração, capazes não só de preencher o tempo livre dos participantes, mas também de aprofundar os conhecimentos – experiências essas que não se confinarão à História, mas também às Artes, à Literatura, ao aperfeiçoamento de capacidades necessárias ao bom desenvolvimento psíquico, social e emocional.

3.5 - Conferências e Encontros Pedagógicos, publicações

Nesse âmbito destacamos, de entre um vasto leque, os seminários²⁴ realizados no quadro das Comemorações do Cerco de Almeida, cujo tema da *castramentação* tem vindo a ser tratado ampla e transversalmente, com o principal fito de divulgar Almeida e o seu património militar e trazer a lume um conjunto de reflexões e de contributos de toda a ordem, conducentes ao objetivo, há muito desejado, de um reconhecimento universal. Essa vontade vai sendo cimentada também nestes encontros, que têm igualmente concorrido para aumentar os contributos científicos, que assim se ampliam nas páginas da revista CEAMA, que vai já no seu 15 número, e em outras publicações dadas à estampa também com o seu cunho.

24 A título de exemplo, enunciamos apenas o tema do último seminário realizado pelo CEAMA, em 28 e 29 de Agosto de 2009, no âmbito das Comemorações do Cerco de Almeida: “A Fortificação Abaluartada como Património de Valor Universal”.

Salientamos, embora para outro tipo de público, e num âmbito pragmático: as Jornadas em colaboração institucional com várias Universidades do País com momentos de reflexão, estudo e troca de ideias e experiências no âmbito patrimonial e do restauro. Apóia ainda diversos estudos e trabalhos de alunos do ensino superior da Universidade do Minho e Aveiro.

4 - OS SERVIÇOS EDUCATIVOS EM PROL DO PATRIMÓNIO E SUA SALVAGUARDA:

Os museus, centros de interpretação/estudo, e bibliotecas, têm vindo, gradualmente, a adaptar-se às necessidades de um público cada vez mais vasto e diversificado, quer no estudo e valorização do património, quer na sua preservação e divulgação, através das suas coleções e fundos locais.

Enquanto guardiões de memórias estes espaços de lazer e de entretenimento público, de comunicação, de ambiências pedagógicas; de investigação científica e de criações culturais; deixaram há muito de seres repositórios de materiais e, quando colocada a questão da legitimidade sobre o seu papel na comunidade e as suas potencialidades, a resposta refere-se geralmente ao facto de serem instituições educacionais – guardar para divulgar e educar. O papel educativo destes espaços é apontado como um argumento fundamental e o conhecimento é considerado a sua principal oferta.

Assim sendo, o **Município de Almeida** tem vindo empenhadamente a desempenhar um papel intenso e constante em prol do património através dos serviços educativos, do Museu Histórico Militar, da Biblioteca, e do CEAMA.

Certos de que o caminho se faz caminhando, e que, é de pequenino que se torce o pepino, tem sido para o público infanto-juvenil que ao longo de 10 anos os equipamentos têm vindo a programar/executar ações de sensibilização para o património do concelho, mormente para a história local, na perspectiva de que, a prazo, toda a comunidade local conheça o seus valiosos patrimónios e saiba por isso honrá-los e preservá-los, tal é um dever e um ato de cidadania ativa.

Os trabalhos que a seguir se enumeram, dão-nos conta do caminho trilhado com escolas e instituições educativas do concelho e não só, e, de que como temas como a história das guerras peninsulares, arquitetura militar medieval e abaluartada, o traje medieval e oitocentista, a gastronomia, histórias, lendas e identidades locais, se podem tornar materiais promissores e geradores de sinergias de aprendizagens.

Esta nova visão, em que o património se assume como polo vital da cultu-

ra, tem desempenhado uma função dinamizadora na comunidade em que se insere, e cremos, que tem nos últimos anos, vindo a atingir proporções dignas de nota, o que mostra que algo está a mudar positivamente.

Cabe-nos também tomar partido dessa autêntica rede de desenvolvimento, procurando estimular, exaltar e valorizar o património que é nosso, e que é nosso dever salvaguardar.

Neste sentido têm-se vindo a realizar anualmente com alunos do pré-escolar público trabalhos oficinais e elaboração de materiais didáticos, isoladamente ou em parceria e colaboração com o MHMA das quais destacamos a criação do jogo (a que chamámos MALWELL, M de Massena, A de Almeida, Well de Wellington) surgiu na sequência de uma saída de campo dos alunos, professores e técnicos do CEAMA, em 27 de Novembro de 2007, ao centro histórico de Almeida. Depois de breves conclusões e sínteses feitas naquele espaço polivalente, pensou-se que seria interessante aprender tudo aquilo mas de forma divertida. Rapidamente se engendrou um jogo que fosse simultaneamente atrativo e que contasse um pouco da história de todos aqueles factos que catapultavam Almeida e o seu concelho para um panorama mais alargado de âmbito nacional e até mesmo internacional.

De entre os vários episódios, o que mais fascinava o jovem público era o cerco de 1810, sendo esse, por isso, o tema escolhido. Nesse contexto, tomou-se



como base a planta da vila e os principais pontos de interesse da arquitetura militar e civil, para se traçarem dois percursos, o da fortaleza para os atacantes (franceses) e um outro para os defensores (luso-britânicos) – que se adotou ser o urbano, visto que fora de dentro da praça que se tinha estabelecido a resistência. O jogo transformou-se, assim, numa atividade de tabuleiro, dados e soldados, onde, através

de perguntas e respostas (acertadas) sobre a Guerra Peninsular, os jogadores avançam em direção à casa da vitória e, principalmente, em direção a um conhecimento real da História.

Outra atividade desenvolvida foi: “Bonecos com História” Atividade realizada com o pré-escolar, cujo principal objetivo foi explorar a história local de forma lúdica, com a realização de fantoches com meias e material reutilizável (restos de tecidos, botões e meias velhas). No mesmo âmbito, acrescentamos também ainda “personagens da história” com a realização de B.I.s de persona-

gens marcantes (Frei Bernardo de Brito e de D. Dinis) cujo objetivo principal foi divulgar a História do sítio

Outra ação voltada para a população jovem e adulta foi a organização de *atelier* de Trajes a que chamamos com Memórias”, ou *ateliers* de marionetas sobre figuras que marcaram a Praça de Guerra no século XIX, desde o guerrilheiro, à padeira, ao oficial ou ao soldado cujo objetivo principal foi envolver a comunidade local na história oitocentista com vista a uma participação ativa na Recriação Histórica do Cerco de Almeida.



A *Construção de Histórias e contos e cantos* foram também ações amplamente exploradas tendo em vista a dinamização do património intangível de Almeida

- História de um soldadinho chamado João
- História de um menino que vivia numa estrela
- História do baú das coisas

A partir de histórias escritas por nós e/ou adaptadas a contos e histórias tradicionais explicamos a história local de um determinado período, cuja principal incidência tem sido o século XIX.

A Recriação da Lendas medieval/e Encenações das quais destacamos: «**A Dama Pé de Cabra e Os prisioneiros das casamatas - Liberdade, Liberdade**» que contaram com a participação ativa do Clube de História e Arqueologia do Agrupamento de Escolas de Almeida, têm feito também parte da planificação anual do CEAMA e do Museu, tendo em vista as suas missões: explorar o património militar construído e tudo o que à sua volta gravita. Assim sendo de forma lúdica exploram-se os principais conceitos inerentes ao património construído e material e imaterial bem como o incentivo à



recolha de lendas e contos, despertando simultaneamente o gosto pela dramatização,

Concluindo:

Em jeito de reflexão os itens atrás descritos fazem parte de um conjunto de ações e de propostas com vista à valorização do monumento, ou melhor do seu património monumental. Se é certo que, em Almeida, há equipamentos que foram beneficiados e que possuem todas as condições para serem visitados, concorrendo assim em prol da dignificação do lugar, é também verdade que só em articulação uns com os outros será possível deles usufruir.

Assim, sugerimos uma nova articulação, propondo três dos espaços, que consideramos essenciais, para serem os geradores de uma potencial visita/aprendizagem do património histórico-militar de Almeida: o Posto de Turismo (na Magistral de S. Francisco), o recém-inaugurado Museu Histórico-Militar (no Baluarte de S. João de Deus) e o CEAMA (nas portas exteriores de Santo António).

Este reencontro com o passado começou no atual Largo 25 de Abril (e sequente requalificação) e deu-se no Posto de Turismo o primeiro momento de aproximação (ativa, didática e interpretativa) do património ao visitante.

Seguiu-se o museu, onde se pode conhecer a história, passo a passo, do edifício, do lugar e de como evoluiu toda esta realidade. Mormente no CEAMA poder-se-ão ainda solidificar todos estes aspetos em sucessivos momentos-síntese e através de um conjunto de atividades educativas e didáticas que ajudarão o visitante a compreender quão surpreendente é a história de Almeida e, mais importante ainda, que “Almeida não é uma estrela vazia: tem gente, tem casas e tem alma” (Loza:2009, 167).

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Tereza Caillaux de, *O Cerco de Almeida na memória dos franceses de antes e de agora*, in CAMPOS, João, coord., Revista CEAMA nº. 3, Almeida, Câmara Municipal, 2009.

ANTOLI, Núria Serrat, *Acciones didácticas y de difusión en museos y centros de interpretación*, in MESTRE, Joan Santacana e ANTOLÍ, Núria Serrat, Coords., *Museografía Didáctica*, Barcelona, Ariel, 2005

ANTOLI, Núria Serrat e GUITERAS, Ester Font, *Técnicas expositivas básicas*, in MESTRE, Joan Santacana e ANTOLÍ, Núria Serrat, Coords., *Museografía Didáctica*, Barcelona, Ariel, 2005.

ARAMBURU, Ramón Sala Fernández de, e ROCA, Rafael Sospedra, *Museografía Didáctica audiovisual, multimédia y virtual*, in MESTRE, Joan Santacana e ANTOLÍ, Núria Serrat, Coords., *Museografía Didáctica*, Barcelona, Ariel, 2005

AURORA, León, *El Museo: Teoría, Praxis y Utopía*, Madrid, Cátedra, 1978.

CAMPOS, João, pref. Elísio Summavielle, *Almeida: portas e poternas da Praça-forte*, trad. Hugo Lobo. Almeida, Câmara Municipal, 2007.

CAMPOS, João, *As Portas da Praça-Forte*, in CAMPOS, João, coord., *Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial – UNESCO*, Almeida, Câmara Municipal, 2009.

CAMPOS, João, *Portas e Poternas da Praça-Forte*, Almeida, Câmara Municipal, 2007.

CAMPOS, João, *Caracterização Histórica e Arquitectónica da Obra Abaluartada de Almeida*, in CAMPOS, João, coord., *Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial – UNESCO*, Almeida, Câmara Municipal, 2009.

CAMPOS, João, *Dos Tratados e Sobre os Tratados*, in CAMPOS, João, coord., *Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial – UNESCO*, Almeida, Câmara Municipal, 2009.

CARITA, Rui, *Paisagem Histórica de Almeida*, in CAMPOS, João, coord., *Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial – UNESCO*, Almeida, Câmara Municipal, 2009.

CARVALHO, José Vilhena de, *Almeida, Subsídios para a sua História*, Viseu, Ed. do A., 1988, 2 vols.

CARVALHO, José Vilhena de, *O Castelo de Almeida. Origem, História e Destruição. Controvérsias*, Rio de Janeiro, Ed. do A., 1994.

CARVALHO, José Vilhena de, *O Castelo de Almeida. Origem, História e Destruição. Controvérsias*, 2ª Ed. Revista e Aumentada, Almeida, Câmara Municipal, 2006.

CARVALHO, José Vilhena de, *As Muralhas de Almeida, sua Construção e Estílo, Desfazendo Equívocos*, Almeida, Associação dos Amigos de Almeida, 1993.

CARVALHO, José Vilhena de, *Santa Casa da Misericórdia de Almeida, Subsídios para a sua História*, Almeida, Santa Casa da Misericórdia de Almeida, 1991.

CONCEIÇÃO, Maria Margarida Simão Tavares da, in, ARAÚJO, Renata e CARITA, Hélder, coords., *Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português: 1415-1822; actas*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

CONCEIÇÃO, Maria Margarida Simão Tavares da, *Formação do Espaço Urbano em Almeida (séculos XVI – XVIII) da Vila Cercada à Praça de Guerra*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Moderna, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1997, 3 vol. (Texto polycopiado).

CONCEIÇÃO, Maria Margarida Simão Tavares da, *A Praça de Guerra como Cenário Barroco*, in A.A.V.V., *Barroco Iberoamericano. Território, Arte, Espaço y Sociedad (Actas del III Congresso Internacional)*, Sevilha, Ediciones Giralda – Universidad Pablo de Olavide, 2001.

CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*, Lisboa: Edições 70, 2006.

FERNANDES, José Manuel, *Almeida – Património Arquitectónico Contemporâneo, uma Leitura: o Século XX e o Principio do Século XXI – Algumas Considerações e Exemplos*, in CAMPOS, João, coord., *Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial – UNESCO*, Almeida, Câmara Municipal, 2009.

LEMOS, Francisco Sande, *Museus de Arqueologia: Guetos do Passado ou encruzilhadas do Futuro*, in *O Arqueólogo Português*, 17, IV série. Lisboa Museu Nacional de arqueologia, 1999

LIMA, Margarida Faria, “Museus: educação ou divertimento? Uma análise da experiência museológica segundo o modelo figuracional de Norbert Elias e Eric dunning”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 1995

LOZA, Rui Ramos, *Plano de Gestão*, in CAMPOS, João, coord., *Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial – UNESCO*, Almeida, Câmara Municipal, 2009.

QUINTA, Ana Luísa, coord., *Plano de Pormenor de Salvaguarda do Centro Histórico da Vila de Almeida*, Almeida, Gabinete Técnico Local, 1990-1992.

QUINTA, Ana Luísa, *A Fortaleza de Almeida – Uma Perspectiva Arquitectónica*, Almeida, Câmara Municipal, 2007.